

Entre zonas de sombra: apontamentos sobre as escritas infantis

Ana Chrystina Mignot

Como citar: MIGNOT, Ana Chrystina. Entre zonas de sombra: apontamentos sobre as escritas infantis. *In:* MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **História do ensino de leitura e escrita:** métodos e material didático. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 163-178.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-393-0541-4.p163-178>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ENTRE ZONAS DE SOMBRA: APONTAMENTOS SOBRE AS ESCRITAS INFANTIS¹

Ana Chrystina Mignot

Descrita em prosa e verso, há muito tempo a infância seduziu escritores e poetas. Até uma breve incursão na memorialística brasileira permite tal afirmação. O mesmo não se pode dizer, quando voltamos nosso olhar para a historiografia e a historiografia da educação. Juntamente com as mulheres, os livros e os negros, a infância permanecia à margem, obscura, esquecida.

Uma inflexão em torno dos objetos, questões e métodos, que se deu na última década dos noventa, não apenas contribuiu para uma maior atenção ao tema como também trouxe à tona a possibilidade de adentrar pelo seu universo, elegendo a versão da própria criança sobre suas descobertas, dores, sonhos e vivências. Tal inflexão, por sua vez, favoreceu a tomada de consciência sobre a importância de examinar as escritas infantis – íntimas, escolares, livres ou impostas –, tais como cartas, diários, jornais e cadernos escolares.

Mapear os estudos sobre as escritas infantis, em diálogo com autores que se têm voltado para a escrita das pessoas comuns, constitui-se

¹ O presente texto resulta de outros trabalhos já publicados, nos quais analiso escritas infantis, tais como: MIGNOT, Ana Chrystina. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. *Revista da FAEBA*, n.40, p.237-246, 2013; e MIGNOT, Ana Chrystina. Janelas indiscretas: os cadernos escolares na historiografia da educação. In: VIDAL, Diana; SCHWARTZ, Cleonara (Org.). *História das culturas escolares no Brasil*. Vitória: EDUSEF, 2010, p.423-446, por exemplo.

em horizonte deste texto, que pretende colaborar tanto para uma maior valorização dessas fontes na historiografia da alfabetização no Brasil quanto chamar a atenção para a necessidade de formular políticas públicas de preservação desses documentos efêmeros produzidos no âmbito familiar e escolar, uma condição indispensável para retirar a infância e as escritas infantis cada vez mais das zonas de sombra.

O recente interesse dos historiadores da educação esbarra, invariavelmente, na perda de grande parte desses registros, situação resultante de certo desprezo das instituições encarregadas de sua preservação e guarda.² Permanecem, em sua maioria, escondidos em arquivos familiares e pessoais, graças à dimensão afetiva que carregam. Tal interesse, evidenciado através de publicações que resultam de congressos e exposições,³ de certo modo se con-

² Tratando da perda desses documentos produzidos por crianças, Arias Carrascosa e Garnacho Gómez (2009) afirmam que os cadernos escolares estão entre os “documentos efêmeros”, isto é, entre aqueles objetos criados para não serem conservados, o que explica que a grande maioria se tenha perdido, e suas possibilidades de estudo sejam minimizadas, na medida em que poucos são guardados, em função do desconhecimento dos autores que ignoravam a importância histórica que esses objetos teriam, como também pelo desprezo dos próprios pesquisadores e das instituições encarregadas de conservar a memória das pessoas comuns.

³ Dentre os eventos e publicações sobre a escrita infantil, resalto: VIII Congresso Internacional de Historia de la Cultura Escrita, promovido, em 2005, na Universidad de Alcalá, que elegeu “Escrituras cotidianas en contextos educativos”, como tema central, e que resultou na publicação de *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura*, organizado por Antonio Castillo e Veronica Sierra Blás, com textos agrupados em torno dos seguintes eixos: Iniciação à cultura escrita; Provas, cadernos escolares e grafites e Diários, agendas e cartas. Há também o Colóquio Internacional sobre “Escrituras Infantiles”, celebrado em setembro de 2011, no Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE), em homenagem ao Professor Davide Montino, cujos textos integram o dossiê temático da revista *History of Education and Children’s Literature* (HECL), de julho de 2012, da Universidad de Macerata, na Itália, organizado por Veronica Sierra Blás, Juri Meda e Antonio Castillo, reunindo, além de Verónica Sierra Blás e Juri Meda, estudos de Antonio Viñao, María del Mar del Pozo Andrés, Anton Costa Rico, Sjaak Braster, Dorena Caroli, Anne Wingenter, Rudolf Dekker, Arianne Baggerman, Monica Ferrari, Pamela Giorgi, Francesca Borruso, Ana Badanelli e Antonio Gibelli. Especificamente sobre cadernos escolares, destacam-se as seguintes publicações: “Convegno Internazionale di Studi Quaderni di Scuola: una fonte complessa per la storia delle culture scolastiche e dei costumi educativi tra Ottocento e Novecento”, na Universidade de Macerata, Itália, ocasião na qual foram montadas três importantes exposições sobre esse objeto da cultura escrita e da cultura material da escola: “I quaderni di scuola nel Novecento: la produzione industriale di Cartiere Paolo Pigna (Cartiere Paolo Pigna S.p.A., Itália)”; “Tra banchi e quaderni”, com a curadoria de Paolo Ricca (da Associazione ‘Il salotto verde’, Itália) e “Les cahiers des écoliers du monde. Un cahier d’écolier qui apprend à écrire de chaque pays du monde”, com a curadoria de Henry Merou (Association En marge des cahiers, França). Do evento resultou uma publicação em dois volumes: MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Org.). *School Exercise Books: A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. Na esteira desses estudos, cabe mencionar ainda a publicação de *Cadernos à vista: escola, memória, cultura escrita*, que organizei em 2008, publicado pela EdUERJ, bem como a exposição da qual fui curadora, em Natal, durante o III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, em 2008: *Não me esqueça num canto qualquer*, e que contou com a participação de pesquisadores de diversas Universidades e Programas de Pós-Graduação em Educação do país: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição da curadora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Tiradentes, Universidade do Estado da Bahia, Universidade do Estado de Minas

trapõe a uma constatação feita por Quinto Antonelli e Egle Becchi (1993), no início da última década do século passado: documentos produzidos pela pena infantil eram material pouco digno de estudo, revelando, assim, o pouco interesse pela cultura não adulta. Essa constatação caminha na mesma clave de Dominique Julia (1993), ao observar que trabalhar com a escrita infantil e juvenil numa perspectiva histórica é extremamente difícil, pois a documentação é rara e, talvez, não haja outro campo da história com uma taxa de conservação de documentos tão baixa quanto essa.

Em sua apresentação da revista *History of Education & Children's Literature*, publicada recentemente, na Itália, no dossiê “La memoria escrita de la infancia”, que publica os anais do Colóquio Internacional Escrituras Infantis, anteriormente citado em nota, Antonio Castillo Gómes (2012, p. 20) ressalta:

No curso destes anos, o tema aqui abordado deixou de ser uma raridade, ofuscado pelas correntes historiográficas hegemônicas, para converter-se em um dos terrenos de investigação mais pujantes, objeto de abordagem interdisciplinar [...]. Vinculada estreitamente à História da Educação, a memória escrita da infância reclama igualmente a atenção teórica e metodológica daqueles que centram a atividade na História Social da Cultura Escrita, como também requer a atenção de sociólogos, historiadores da Literatura ou especialistas na conservação documental.

Uma brevíssima incursão na historiografia da educação traz alguns exemplos dessa valorização da escrita infantil, particularmente, estudos sobre o gênero autobiográfico, mostrando que elas não se restringem às escritas escolares e se constituem em importantes chaves de compreensão do mundo não adulto, na medida em que guardam modos particulares de ver a sociedade, a família e a escola.

Outro conjunto de estudos que tem conquistado um significativo número de pesquisadores trata das escritas produzidas no contexto escolar

Gerais, Universidade de São Paulo, Universidade da Cidade de São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Pelotas. Tal interesse tem gerado a criação de um número expressivo de museus escolares. Comentando esse aspecto, Antonio Viñao (2005) observa que estudo do Museu Pedagógico da Galícia identificou a existência de 683 museus escolares em todo o mundo com páginas na internet, criados nos últimos trinta anos, sendo que 492 estão localizados na Europa, 192 na América, 40 na Oceania, 8 na Ásia e 1 na África.

e, em especial, os cadernos. Sobre esses dois tipos de escritas – íntimas e escolares – debruço-me agora.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE O UNIVERSO ESCRITURAL AUTOBIOGRÁFICO INFANTIL

Apesar de as escritas autobiográficas, como diários e cartas, produzidas na infância, serem raras e mais difíceis de serem encontradas, o pesquisador italiano Davide Montino (2008) salienta que, historicamente, os motivos que determinam a própria possibilidade de escrever sobre si são análogos para as crianças e adultos. Ressalta, porém, que, embora tenham capacidade de reelaborar as vivências e sobre elas escrever, as crianças têm um menor grau de subjetividade, já que, via de regra, suas escritas são disciplinadas e controladas pelo adulto e fruto de uma aprendizagem escolar. No entanto, indica a existência de um número significativo de exemplos de escritas autobiográficas mais livres, as quais derivam de ocasiões especiais: a viagem, a guerra e a escola.

O autor lembra que a escola é, sem sombra de dúvidas, um espaço de aprendizagem e exercício da escrita de si. Observa que tais registros de si feitos pelas crianças na escola, desde o final do século XIX e início do XX, resultam da discussão proposta por educadores – dentre os quais Maria Montessori –⁴ que colocaram em discussão a retórica da redação escolar, procurando deslocar para o centro dessa escrita a própria criança e seu mundo. O autor assinala que há uma diferença entre escrita livre e escrita autobiográfica. Exemplifica com um caso: ao ser instado a falar de sua escola primária, um menino de 13 anos preferiu, após as cinco primeiras linhas, copiar do livro *Cuore*, de Eduardo de Amicis, o texto sobre o primeiro dia na escola, pondo em pauta a liberdade, condição para a escrita de si, reveladora da intimidade.

Por mais que a escrita autobiográfica sobre a infância traga elementos para pensar contextos vividos, ela difere da escrita autobiográfica na infância. Se esta é produzida ao sabor dos acontecimentos, sem o peso

⁴ O autor cita, ainda, Giuseppe Lombardo Radice, Giuseppe Faccaroli, Augusto Monti, Giuseppina Pizzigoni e Maria Boschetti Alberti, para quem, “[a]o serem deixadas livres, as crianças adquirem grande facilidade na linguagem escrita, não encontram mais diferença entre a fala e a escrita. Assim as composições resultam simples, naturais e espontâneas, manifestam o caráter deles, as tendências deles” (ALBERTI, 1951, p. 85, apud MONTINO, 2008, p. 126).

da experiência que matiza, amplia, apaga, o olhar adulto e o correr dos anos certamente orientam o esforço retrospectivo que vagueia pelo passado, com as questões do presente, detendo-se em pormenores de um tempo fugidio e distante, conferindo sentido ao que ficou para trás e, por isso mesmo, elegendo, enfeitando, retocando e deformando a própria vida.

Três estudos recentes sobre cartas escritas por crianças ajudam a pensar sobre as possibilidades de compreensão das experiências infantis:

MULHERES EDUCADAS PARA GOVERNAR: O COTIDIANO DAS LIÇÕES NAS CARTAS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA

Trata-se de Dissertação de Mestrado defendida em 2012, na Universidade Católica de Petrópolis (RJ), por Jaqueline Vieira de Aguiar. A autora discute com rigor e delicadeza o projeto educacional a que estavam submetidas as herdeiras do trono, enfocando as preocupações do Imperador com a educação das filhas, os mestres escolhidos e as disciplinas ensinadas, a visão das meninas sobre o processo educativo ao qual estavam submetidas e a própria escrita de cartas, como parte do processo educativo, o que se evidencia na obediência aos rituais epistolares, na caprichosa caligrafia e no cuidado com a escolha dos papéis que traziam monogramas e ilustrações.⁵ A autora lembra que as cartas escritas pelas princesas, em português, francês e italiano,

[...] eram rascunhadas, corrigidas pelos mestres e depois copiadas em papéis geralmente ornamentados. Este procedimento era adotado porque as cartas não só informavam ao pai o andamento do aprendizado das meninas, mas também o expressavam concretamente. Quando o Imperador recebia as cartas, analisava desde a caligrafia até o seu estilo e teor. Para passar por este escrutínio, elas precisavam estar perfeitas. (AGUIAR, 2012, p. 55).

PALABRAS HUÉRFANAS: LOS NIÑOS Y LA GUERRA CIVIL

Trata-se de livro de Verónica Sierra Blás (2009), que, inserida num movimento mais amplo da escrita da história que não se contenta em

⁵ Há referência, inclusive, a esses papéis nas missivas das Princesas, como, por exemplo, na escrita por Isabel à sua mãe, em 16 de março de 1858, quando lhe pede para fazer o favor “[...] de ver na cidade para mim e para a mana papeis da especie d’estes em que lhe escrevi hontem e lhe escrevo hoje.” (apud AGUIAR, 2012, p. 52).

resgatar do passado a versão das figuras ilustres a povoar os livros didáticos e rebelando-se com uma lógica que predomina entre os “gestores da memória”, os quais decidem o que deve ou não ser preservado, explora as cartas escritas por crianças espanholas durante o período de exílio na União Soviética, quando desembarcaram nos portos de Yalta e Leningrado. Do país que as acolhera escreveram para seus pais, familiares, amigos e órgãos de assistência.⁶ Ao privilegiar a escrita infantil, a autora acredita que estaria dando a conhecer uma versão dessa história, diferente daquela que privilegia crônicas jornalísticas e documentos oficiais da época, deixando de lado preciosos testemunhos daqueles que viveram essa experiência a qual modificou seus destinos, deixando-os órfãos, “[...] ainda que muitos não o fossem de verdade” (SIERRA BLÁS, 2009, p. 21). As cartas representaram para os “[...] pequenos exilados o elo de união com tudo aquilo que haviam deixado para trás” (SIERRA BLÁS, 2009, p. 21). No entendimento da autora, escrever nessas circunstâncias os ajudou a povoar a solidão, a manter contato com familiares distantes, a nutrir esperança de reencontro, a superar traumas e saudades, mesmo que a maior parte não tenha chegado ao seu destino, pois, como tantos outros documentos pessoais, foram convertidos em provas para culpabilizar seus proprietários.

⁶ A autora realizou também uma exposição, em outubro de 2012, na cidade de Salamanca, com recursos do Ministério da Presidência da Espanha, dentro das subvenções destinadas às vítimas do franquismo, no bojo do projeto de pesquisa “Entre España y Rusia. Recuperando la historia de los niños de la Guerra”, como homenagem às crianças espanholas que saíram da Espanha em 1937 e 1938, por causa da Guerra Civil. Nessa exposição, foram enfocados: *Guerra e infância, De la evacuación al exilio, Una patria, tres mil destinos, De españoles a rusos: vida cotidiana, educación y política, Entre dos guerras e Retornos y memorias*. A exposição reuniu documentos escritos e iconográficos dispersos em diferentes instituições de guarda: Archivo del AMSAB-Instituut voor Sociale Geschiedenis (Gante); Archivo Fotográfico de la Agencia Rusa de Información Novosti (RIA Novosti) (Moscó); Archivo Fotográfico Histórico de la Agencia EFE (Madrid); Archivo de la Fundación Francisco Largo Caballero (Madrid); Archivo General de la Administración (Alcalá de Henares, Madrid); Archivo General de la Nación de México (Ciudad de México); Archivo Histórico del Partido Comunista de España (Madrid); Arxiu Nacional de Catalunya (Sant Cugat del Vallès, Barcelona); Asociación de Niños de la Guerra de Lieja y alrededores (Micheroux, Soumagne, Bélgica); Asociación de Niños de la Guerra de Namur (Namur-Erpent, Bélgica); Biblioteca Nacional de España (Madrid); Centre d’Études et de Documentation Guerre et Sociétés Contemporaines (Bruselas); Centro Documental de la Memoria Histórica (Salamanca); Colección particular de Isabel Argentina Álvarez Morán; Colección particular de Elisabeth Eidenbenz; Colección particular de Gregorio Nicolás Rodríguez; Eibarko Udala-Ayuntamiento de Eibar (Guipúzcoa); Fundación Pablo Iglesias (Alcalá de Henares, Madrid); Fundación Sabino Arana, Museo del Nacionalismo Vasco (Artea-Arratia, Bilbao); Fundación Universitaria Española (Madrid); Kutxateka (San Sebastián) e Museo del Pueblo de Asturias (Gijón). Cf. folder da exposição.

“EPÍSTOLAS INFANTIS: FRAGMENTOS EMERGENTES DO QUOTIDIANO RURAL NO TEMPO ESCOLAR (1955-1958)”

Trata-se de capítulo de Maria Isabel Pereira Aleixo e Maria do Céu Alves, no livro *Mis primeros pasos*, de Antonio Castillo e Verónica Sierra Blás (2008).⁷ Encontra-se na terceira parte da obra, dedicada aos estudos do universo escritural autobiográfico: cartas, diários e agendas. Nesse capítulo, as autoras trabalharam com a correspondência de alunos de escolas rurais de Portugal, que foram produzidas no bojo do projeto de Intercâmbio Escolar, iniciado na década de 1930, por iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa, a qual estimulava a troca “[...] epistolar entre escolas da metrópole, e destas, com as colônias e com os núcleos portugueses no estrangeiro.” (p. 455). Trata-se de um estudo que exemplifica o quanto a aprendizagem da escrita de cartas esteve presente, na sala de aula, para inculcar códigos de civilidade e disciplinar o espírito. Longe de serem escritas livres, ditadas pela necessidade de encurtar distâncias, ao sabor de saudades, elas não apenas foram estimuladas por um programa de intercâmbio, como também cumpriam o guia escolar, que, por sua vez reproduzia, provavelmente, os manuais epistolares.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE AS ESCRITAS ESCOLARES INFANTIS

Os cadernos escolares têm sido, recentemente, cada vez mais objeto do desejo de pesquisadores, dentre os estudos sobre escritas escolares infantis,⁸ em diferentes países. Interessados em processos de alfabetização

⁷ Ver nota 3.

⁸ Julgo importante fazer uma distinção no âmbito das escritas escolares. Para além das escritas dos alunos, os professores também lançam mão da escrita para registrar, elogiar, reivindicar, punir, sugerir. Em texto já publicado, chamei a atenção para o fato de que “[...] os variados registros da aprendizagem dos alunos – cadernos de exercício, de caligrafia, de cópia, de ditado, de deveres de casa, de pontos, rascunhos, provas – cumprem a função de exercitar a atenção, o raciocínio, a memória e a criatividade, atestando a importância conferida à aprendizagem e ao uso da escrita. Presentes em diversas fotografias de estudantes que têm, ao fundo, bandeiras, paisagens, mapas, datas comemorativas e palácios, evidenciam a centralidade que desempenham no espaço escolar”. Cf. MIGNOT, Ana Chrystina. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Rede Sírius, 2003, p. 11. Ver o recente dossiê coordenado por BASTOS, Maria Helena Camara, “Escritas estudantis em periódicos escolares”, publicado na *Revista História da Educação*, Pelotas, v.17, n.40, p. 7-10, maio/ago. 2013. Ver também: CARUSO, Andrea Soares. *Traço de União como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina*. 2006. 231f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006; bem como o VI Encontro Maranhense de História da Educação, realizado na UFMA, em São Luís, em junho de 2013, que teve por temática “Livros e imprensa escolar”, com variados estudos sobre jornais escolares daquele Estado

e escolarização, disciplinas escolares e currículo, pesquisadores começam a se voltar para a escrita escolar e seus suportes, compreendendo, como José Maria Hernandez Diaz (2002, p. 225), que, tanto ontem quanto hoje, as paredes, o mobiliário e os utensílios da escola guardam “[...] uma ordem convencional, imposta, casual, visível ou um sistema de relações invisível, ordenado, permitido, negociado ou desestruturado em outras ocasiões.” Para ele, a história dos objetos escolares é, portanto, em boa medida, a história do modo de atuar na escola, dos projetos educativos reivindicados pelo professor individualmente ou em grupo.

Dentre os estudos sobre cadernos escolares, destacarei os seguintes:

1 NA FRANÇA

Jean Hébrard (2001) debruçou-se sobre cadernos escolares, considerando que, a partir do momento em que a escola francesa não mais se limitou a ensinar a ler, escrever e contar, eles passaram a ser o espaço da escrita no qual o aluno aprendeu a ordenar o espaço gráfico e o tempo destinado às atividades escolares. Para o autor, a generalização dos cadernos na escola primária possivelmente está situada no primeiro terço do século XIX, mas não existem fontes documentais suficientemente seguras que permitam estabelecer uma história do caderno escolar com informações precisas. Dominique Julia (1993), por sua vez, considera que os cadernos se constituem em importantes observatórios do conteúdo ensinado, propiciando examinar os usos do tempo na escola. Além disso, mesmo nos exercícios de cópia e de cálculo, que aparentemente teriam finalidades específicas, é possível perceber a importância da educação moral presente nos enunciados. Eles exemplificam como a criança foi construindo o espaço gráfico, o que pode ser visto nos títulos e entretítulos e no respeito às margens e pautas, fazendo com que os cadernos muito se assemelhem aos livros.

Nos estudos de Anne-Marie Chartier – dentre outros, a conferência de abertura, “Travaux d’élèves et cahiers scolaires: l’histoire de l’éducation du côté des pratiques”, proferida no XII Colóquio Nacional de

e de outros das regiões Norte e Nordeste. Ainda sobre periódicos escolares, devo destacar que nem sempre eles trazem as escritas infantis. Por vezes, são escritas de jovens. Muitos deles contam com a participação de professores, os quais corrigem os textos antes da publicação e, também, neles publicam seus próprios textos.

História de la Educación, promovido pela Sociedade Espanhola de História da Educação, na Universidade de Burgos, em 2003 –, a autora afirma que, por meio dos cadernos escolares, é possível vislumbrar a ideologia e o sistema, e que eles se constituem em possibilidades para adentrar na “caixa preta” da história da educação, o dia a dia das aulas, na medida em que são documentos produzidos pelos alunos e não documentos oficiais.

2 NA ARGENTINA

Silvina Gvirtz (1997) examinou, nesses dispositivos mais utilizados nas salas de aula, as práticas escolares desde as primeiras décadas do último século. A análise efetuada evidenciou as operações mais rotineiras no cotidiano escolar que ultrapassavam as reformas educativas, as crenças pedagógicas e os momentos políticos: copiar, traduzir, selecionar, classificar, ordenar, enumerar, completar, separar, compor, relacionar, definir, analisar, resumir, redigir, calcular e resolver.

3 NA ESPANHA

Antonio Viñao (2008) sintetiza a importância dos cadernos escolares para os historiadores da educação. São, no seu entendimento,

[...] uma fonte, não menos complexa que outras, que durante as duas últimas décadas vem figurando no cruzamento de três campos historiográficos relacionados, inclusive complementares, mas com diferentes enfoques e interesses: a história da infância, a da cultura escrita e a da educação. Nada estranho se se tem em conta que os cadernos escolares são, ao mesmo tempo, uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar. (VINÁO, 2008, p. 15).

Também da Espanha, dois estudos de Maria del Mar del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora, que tomam 275 exemplares arquivados em processos que visavam a apurar o envolvimento político das professoras, durante o franquismo, exemplificam esse crescente interesse: “Niñas hablando a mujeres: narraciones femeninas recojidas en los cuadernos escolares (1928-1942)”, de 2004 e “Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar”, de 2003, publicado em 2008 e

2009, no Brasil e na Espanha, são reveladores de um investimento maior, no sentido de capturar como os conhecimentos eram transmitidos cotidianamente na sala de aula e como os alunos os interiorizavam.⁹

4 NA ITÁLIA

Juri Meda, Davide Montino e Robero Sanni organizaram um livro italiano que resulta das discussões travadas no “Convegno internazionale di studi quaderni di scuola: una fonte complessa per la storia delle culture scolastiche e dei costumi educativi tra Ottocento e Novecento”, realizado em setembro de 2007, na Universidade de Macerata, que reuniu pesquisadores de várias partes do mundo – Itália, Suíça, França, Espanha, Portugal, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Sérvia, Eslovênia, Rússia, China, Brasil, Bolívia, Argentina e Canadá. O evento obteve apoio de diversas instituições¹⁰, o

⁹ No primeiro, numa perspectiva de gênero, partem da compreensão de que esses documentos possibilitam analisar, nas escritas obrigatórias e livres, os modelos femininos que eram transmitidos nas salas de aula, a partir de alguns núcleos temáticos: família, mãe, escola e perspectivas de futuro para a mulher e a vida cotidiana infantil. Em meio a esses exercícios, encontraram inúmeros exemplos os quais demonstram que cabia à mulher obedecer ao marido e segui-lo, sacrificando-se pelo bem-estar de todos os membros da família. Aos homens, era reservado o dever de proteger, defender e representar a esposa e a família. Os modelos de mães e donas de casa eram reforçados em temas trabalhados em disciplinas como Higiene e Economia Doméstica, nas quais eram ressaltadas lições sobre a ventilação da casa, os cuidados com a limpeza, a organização do lar. Nos temas relativos à escola e perspectivas de futuro da mulher, concluíram que, mesmo tendo os mesmos conteúdos ensinados para meninos e meninas, havia um currículo oculto que legitimava a diferenciação de gênero. Nos cadernos escolares das meninas, foi encontrado um número maior de valores religiosos e preceitos morais e, nos dos meninos, valores referentes ao mundo do trabalho. Procurando cruzar com as categorias de classe e a procedência geográfica dos cadernos, as autoras encontraram nas atividades cotidianas das meninas, especialmente nas referências ao lazer, brincadeiras e espaços de recreação no ambiente da casa, e os meninos no espaço da rua, sem participação efetiva nas obrigações domésticas. No segundo, elas se voltam para as possibilidades historiográficas do documento. Investigando ainda a mesma coleção, estabelecem uma tipologia dos cadernos a partir de sua materialidade e examinam a hierarquização dos saberes escolares e sua representação nos cadernos de classe. Com relação ao primeiro aspecto, detectaram cinco tipos de cadernos, considerando desde a capa até o formato interior. Essa descrição permitiu concluir que essa representação externa simboliza a persistência de práticas da sala de aula arraigadas na cultura escolar. O formato interior dos cadernos, por sua vez, trouxe importantes elementos sobre rituais e práticas cotidianas, especialmente as margens dos cadernos, que deviam ser respeitadas, com a finalidade de aproveitar sempre e cada vez mais o papel, marcando o tempo e transmitindo ordem e eficácia. Com relação à hierarquização das disciplinas, as autoras mapearam os conteúdos trabalhados, procurando assinalar a importância dada a determinados conhecimentos, atentas ao modo como isso se expressava no espaço material do caderno.

¹⁰ Ministero per i Beni e le Attività Culturali, Archivio ligure della scrittura popolare – Università degli Studi di Genova, Dipartimento di storia moderna e contemporanea di Genova (DISMEC), Università degli Studi di Genova – Facoltà di Lettere e Filosofia, Fondazione Archivio Diaristico Nazionale - onlus di Pieve Santo Stefano, Centro di documentazione e ricerca sulla storia delle istituzioni scolastiche, del libro scolastico e della letteratura per l’infanzia – Università degli Studi del Molise, Centro di documentazione e ricerca sulla storia del libro scolastico e della letteratura per l’infanzia – Università degli Studi di Macerata, Centro internazionale di etnografia di Palermo, Museo dell’Educazione - Dipartimento di Scienze dell’Educazione dell’Università di

que expressa o movimento de profissionais de diferentes tradições disciplinares para aprofundar a análise sobre esse suporte da escrita, como se pode observar nas seções do evento dedicadas: ao caderno como objeto gráfico, ao conteúdo da escrita infantil, à propaganda política contida nas capas e nos exercícios, ou ao caderno como fonte de pesquisa sobre a história da edição escolar, da didática, da educação escolar e da língua.

5 NO BRASIL

Ana Maria Casasanta Peixoto (2004) estudou coleção de cadernos escolares do Museu da Escola de Minas Gerais, trazendo pistas importantes sobre a produção desses suportes da escrita. Para ela, a partir dos meados da década de 1930, a indústria dos cadernos dava indícios de desenvolvimento, e foram produzidos muitos cadernos com capas de cunho cívico-patriótico, como o *Avante*, com a finalidade de “[...] valorizar a juventude e incentivá-la a construir e defender o país” (PEIXOTO, 2004, p. 277). Essas capas expressam, no seu entendimento, “[...] uma visão dos valores sociais que a escola desejava inculcar” (PEIXOTO, 2004, p. 275).

Considerando os cadernos escolares como “ego-documentos”, Maria Helena Camara Bastos (2008) examina cinco exemplares utilizados entre 1953 e 1957, numa escola particular da cidade de Porto Alegre/RS, para discutir como essas escritas ordinárias, ao expressarem uma memória da educação escolarizada, possibilitam refletir sobre a cultura escolar, os saberes e práticas educativas, bem como sobre o modelo de aluno produzido, naquele contexto específico.

Além do livro *Cadernos à vista: escola, memória, cultura escrita*, o qual organizei em 2008 e em que se priorizou a produção, a circulação e os usos desses suportes de escrita, dissertações e teses defendidas no país indicam também o crescente interesse pelos cadernos escolares.¹¹

Padova, Museo della scuola e del libro per l'infanzia di Torino – Fondazione Tancredi di Barolo, Museo storico della didattica di Roma – Università degli Studi di Roma III, Dipartimento di Scienze dell'educazione e della formazione di Macerata, Institut Teorii i Istorii Pedagogiki – Rossijskoj Akademii Obrazovaniya, Kazanskij Gosudarstvennyj Universitet, Institut für Historische Bildungsforschung – Pestalozzianum e do International Standing Conference for the History of Education (ISCHE).

¹¹ Sobre as escritas escolares infantis, há um número significativo de dissertações, teses e publicações dos grupos de pesquisa brasileiros, especialmente de Programas de Pós-Graduação em Educação da UDESC, PUC-RGS, UFRGS e UFPel, coordenados respectivamente por Maria Teresa Santos Cunha, Maria Helena Camara Bastos,

APONTAMENTOS FINAIS SOBRE AS ESCRITAS INFANTIS

Segundo Verónica Sierra Blás (2012), no âmbito das escritas infantis, as investigações sobre as escritas escolares estão mais solidificadas, embora não se possa ignorar que há um interesse crescente por escritas de diário, agendas e cartas, o que evidencia um interesse pelos espaços nos quais as crianças escrevem e vivem: a família e a escola. No seu entendimento, esses estudos têm permitido “[...] reconstruir o mundo da infância desde sua dimensão mais íntima e cotidiana, mais real e humana.” (SIERRA BLÁS, 2012, p. 34).

Gostaria, por fim, de assinalar alguns cuidados com as escritas infantis, que exercem tanto fascínio, até mesmo em pesquisadores mais experimentados:

1. É necessário considerar que elas estão sempre, de um modo mais forte ou mais tênue, submetidas às normas, ao controle do adulto, sejam os pais, sejam professores, e esse controle pode aparecer sob a forma tanto de incentivo quanto de correção.
2. Tal como em relação aos documentos produzidos por adultos, os produzidos pela pena infantil precisam ser perscrutados, levando-se em consideração quem escreveu, quando escreveu, por que escreveu, para que escreveu, para quem escreveu, como escreveu, o que escreveu. Isto é, seu exame exige pensar no sujeito que escreve, nos contextos, nas motivações, nas finalidades, nos modos, nos suportes e nos conteúdos da escrita.
3. Como os adultos, as crianças também selecionam, elegem, omitem, enfeitam a própria vida. Suas escritas são apenas fragmentos de seus modos de ver o mundo. Não escrevem sobre tudo o que viveram, não vivem tudo o que escreveram.
4. As escritas infantis representam para os pesquisadores armadilhas para o olhar, uma vez que, como tantos outros documentos, trazem apenas vestígios do passado e não o que verdadeiramente aconteceu. São também resultado de censura e invenção.

Maria Stephanou e Eliane Peres. No Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ver BRAGA, Rosa Maria de Souza. *Caligrafia em pauta: a legitimação de Ormindia Marques no campo educacional*. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado, 2008, que orientei; e FERREIRA, Luiz Carlos. *Cadernos de Perguntas: recursos para a discussão de identidade afro-descendentes com alunos do Ensino Fundamental*. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação, Dissertação de Mestrado, 2004, orientado por Nilda Alves, dissertações que tangenciam essas escritas.

5. As escritas infantis permitem explorar versões excluídas ou silenciadas na historiografia e na historiografia da educação, mas essa compreensão se constitui em convite para analisar os próprios limites que enfrentamos, por não termos políticas públicas de preservação de tais documentos, em nosso país.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. V. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das lições nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.
- ALEIXO, M. I. P.; ALVES, M. C. Epístolas infantis: fragmentos emergentes do cotidiano rural no tempo escolar (1955-1958). In: CASTILLO GÓMEZ, A.; SIERRA BLÁS, V. (Org.). *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Gijón: Ediciones Trea, 2008. p. 455-476.
- ANTONELLI, Q.; BECCHI, E. (a cura di). *Scritture bambine: testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bar: Laterza, 1993.
- ARIAS CARRASCOSA, M. A.; GARNACHO GÓMEZ, I. Los cuadernos escolares. In: SIERRA BLÁS, V.; MARTINEZ, L.; MONTEAGUDO, J. I. (Org.). *Esos papeles tan llenos de vida...: materiales para el estudio y edición de documentos personales*. Girona: CCG Ediciones, 2009. p. 51-60.
- BASTOS, M. H. C. Relíquias escolares, uma vida em cadernos: um campo de pesquisa da cultura escolar. In: PASSEGGI, M. C. (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 179-208.
- _____. Escritas estudantis em periódicos escolares. *Revista História da Educação*, Pelotas, v. 17, n. 40, p. 7-10, maio/ago. 2013.
- BRAGA, R. M. S. *Caligrafia em pauta: a legitimação de Ormindia Marques no campo educacional*. 2008. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- CARUSO, A. S. *Traço de União como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina*. 2006. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CASTILLO GÓMEZ, A. Presentación: la infancia y la escritura. *History of Education & Children's Literature*, Macerata, p. 15-20, 2012.
- CASTILLO GÓMEZ, A.; SIERRA BLÁS, V. (Org.). *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Gijón: Ediciones Trea, 2008.

- CHARTIER, A. M. Travaux d'élèves et cahiers scolaires: l'histoire de l'éducation du côté des pratiques (Conferência Inaugural). In: COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: etnohistoria de la escuela, 12., 2003, Burgos. *Anais...* Burgos: Universidad de Burgos : SEDHE, 2003. p. 23-40.
- FERREIRA, L. C. *Cadernos de perguntas: recursos para a discussão de identidade afro-descendentes com alunos do Ensino Fundamental*. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- GVIRTZ, S. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado: uma mirada a los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Aique, 1997.
- HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.
- HERNANDEZ DIAZ, J. M. Etnografia e historia material de la escuela. In: ESCOLANO BENITO, A.; HERNANDEZ DIAZ, J. M. (Coord.). *La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002. p. 225-246.
- JULIA, D. Documenti della scrittura infantile in Francia. In: ANTONELLI, Q.; BECCHI, E. (a cura di). *Scritture bambine: testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bar: Laterza, 1993. p. 5-24.
- MEDA, J.; MONTINO, D.; SANI, R. (Org.). *School exercise books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th Centuries*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010.
- MIGNOT, A. C. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2003.
- _____. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- _____. (Org.). *Não me esqueça num canto qualquer*. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008. CD-ROM.
- _____. Janelas indiscretas: os cadernos escolares na historiografia da educação. In: VIDAL, D.; SCHWARTZ, C. (Org.). *História das culturas escolares no Brasil*. Vitória: EDUSF, 2010. p. 423-446.
- _____. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. *Revista da FAEBA*, Salvador, n. 40, p. 237-246, 2013.
- MONTINO, D. As crianças e a escrita de si: ocasiões, limites, ambiguidades. In: PASSEGI, M. C. (Org.). *Tendências da pesquisa autobiográfica*. Natal, RN: EDU-FRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 113-130.

PEIXOTO, A. M. C. Museu da escola: uma leitura em aberto. In: MENEZES, M. C. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 265-287.

POZO ANDRÉS, M. M.; RAMOS ZAMORA, S. Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar. In: COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: etnohistoria de la escuela, 12., 2003, Burgos. *Anais...* Burgos: Universidad de Burgos/SEDHE, 2003. p. 653-664.

POZO ANDRÉS, M. M.; RAMOS ZAMORA, S. Niñas hablando a mujeres: narraciones femeninas recojidas em los cuadernos escolares (1928-1942). In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE HISTORIA DE LAS MUJERES, 12., 2004, Sevilla. *Anais...* Sevilla, 2004. Mimeografado.

SIERRA BLÁS, V. *Palabras huérfanas: los niños y la Guerra Civil*. Madrid: Taurus, 2009.

_____. En busca del “eslabón perdido”: algunas reflexiones sobre las escrituras infantiles. *History of Education & Children's Literature*, Macerata, p. 21-44, 2012.

VIÑAO, A. La memoria escolar: restos y huellas, recuerdos y olvidos. *Annali di Storia dell'Educazione e delle Istituzioni Scolastiche*, Brescia, n. 12, p. 19-34, 2005.

_____. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-34.

